



A ALTERIDADE DERRIDIANA NA POÉTICA DE PAUL CELAN: MARCAS DO MONOLINGUISMO DO OUTRO

Fabio Marchon Coube¹

Luiz Fernando Medeiros de Carvalho²

O poema quer, precisa do outro. É assim que se refere à estrutura do poema Paul Celan, em *O meridiano*, texto proferido na ocasião prêmio George Büchner. Mais do que uma necessidade, é uma procura, um “ir ao encontro” do outro, um precisar desse encontro intrinsecamente ligado a cada coisa do mundo, a cada pessoa, pois para Celan, em um gesto que nos aponta todo a alteridade poética inserida nesse texto, “cada coisa, cada pessoa é um poema que se dirige ao Outro, figura desse Outro”.³ Mas como se dá essa procura, mais *precisamente*, o encontro entre o outro e a demanda de um solitário poema?

Segundo Fernanda Bernardo, ao elucidar considerações sobre *Juste le Poème, Peut-être* – livro de Ginette Michaud dedicado ao encontro do pensamento de Celan e Derrida –, disserta que, entre o poema e o pensamento, habita uma relação da filosofia com a língua, uma questão *da* língua, marcada pela língua, não diferente da forma em que é marcada a filosofia de Jacques Derrida e a poesia de Paul Celan. A experiência da língua como experiência poético-filosófica, criptada no idioma, relação em profícuo diálogo, e segundo Fernanda Bernardo “tendo em conta o fato de a experiência da língua ser uma experiência comum à poesia, à literatura, e a filosofia”⁴. O diálogo entre poesia e filosofia habita a beira da língua, a *borda* tão desenvolvida por Derrida para evitar o limite epicêntrico do pensamento, residindo então às margens como uma pele ou uma camada fronteira capaz de oscilar e revestir o discurso filosófico, deixando-se contaminar em sua rede de tecidos de poesia, de literatura. E para tanto, Derrida procura dizer na borda da língua, na beira da língua como uma espécie de limite oscilador, o tremor das palavras ou vez que da língua, nada podemos nos apropriar. Essa estranha morada – de quem cultiva uma língua e, no entanto, não a possui enquanto tal – é onde a língua demora-se, ou melhor, é onde habita um monolinguismo que retrata tanto a questão de um lugar inapropriável quanto o lugar onde desde sempre já se vê lançado:

¹ Mestrando em Filosofia na Universidade Federal do Rio de Janeiro – Programa de Pós- graduação em Filosofia.

² Doutor em Literatura Brasileira na Pontifícia Universidade Católica- Rio. Professor titular de Literatura na Universidade Federal Fluminense/ Professor do programa de Pós-Graduação da CES- JF

³ CELAN, P. “O meridiano”. In: CELAN, P. *Cristal*. São Paulo. Editora Iluminuras, 1999, p. 179.

⁴ BERNARDO, F. “Singbarer Rest”: ou o que do resto aflora no poema – *como* o próprio poema: Celan – Derrida. *Revista Filosófica de Coimbra* – n.o 38 (2010) pp. 473.



Sou monolíngüe. O meu monolinguismo demora-se, e eu chamo-lhe a minha morada, e sinto-o como tal, nele me demoro e nele habito. Ele habita-me. O monolinguismo no qual respiro é mesmo para mim o elemento. Não um elemento natural, não a transparência do éter, mas um meio absoluto.⁵

É a partir de um tom confessional, pelo amor à língua francesa que Jacques Derrida expõe a falar sobre seu monolinguismo, sua relação com uma língua, que, no entanto, não é sua, é a língua do outro, não o pertence, não obstante, jamais o pertencerá. A mesma língua francesa imposta aos argelinos por colonizadores, única língua que esteve fadado a falar, é a língua do outro que a impôs, embora isso não tenha efeitos sobre seu amor ou desejo em falar uma língua que não é a sua. No entanto, sofre de uma "hiberbolite", um diálogo ininterrupto nessa língua que o atravessa, é o sentir o sofrimento do timbre e da voz ao tentar captar o esforço da voz, a estrutura paradoxal de dizer algo em uma única língua ao mesmo tempo mais de uma. Pois aqui teríamos as afirmações contraditórias, duas sentenças que "entre si" tornam-se antagônicas, inundam o absoluto habitável na esfera do monolinguismo a partir do que o filósofo franco-magrebino chamou de "antinomia", lei diametralmente oposta: "Não falamos nunca senão uma única língua. Não falamos nunca uma única língua."⁶

O habitar dessa borda trêmula, contradição interna oriunda de uma esfera monolíngue, também é o lugar de questões, como afirmamos acima, de experiências comuns e oscilantes entre a poesia, a literatura, e a filosofia sem, no entanto impor o limite da experiência, o acontecimento de uma situação "pretensamente singular".⁷ E dessa relação entre filosofia e a língua é a aporia ela mesma, uma paragem, pois segundo Derrida, não pode ser orientada conscientemente. Ilha entre a travessia de dois continentes. Nessa habitação nada se habita, não há morada possível enquanto dispositivo de um privilégio, domínio exclusivo ou permanência senão em eterno exílio. Citemos Derrida em *O monolinguismo do outro*:

A língua dita materna nunca é puramente natural, nem própria nem habitável. *Habitar*, eis um valor bastante *desorientador* e equívoco: não se habita nunca o que estamos habituados a chamar habitar. Não existe habitat possível sem a diferença deste exílio e desta nostalgia. Sem dúvida, é demasiado sabido. Mas daqui não se

⁵ DERRIDA, J. *O monolinguismo do outro*. Campo das Letras: Porto, 2001, p. 13-14.

⁶ Idem, p. 19.

⁷ Quanto a singularidade da experiência, singularidade que faz ecoar vozes tal como um polilóquio em *O monolinguismo do outro*, utilizemos uma que responde a estrutura desse habitar à língua: "Do lado de quem fala ou escreve a dita língua, esta experiência do solipsismo monolíngue nunca é de pertença, de propriedade, de domínio, de pura 'ipsidade' (hospitalidade ou hostilidade), seja ela de que tipo for". Ibidem, p. 37.



segue que todos os exílios sejam equivalentes. A partir, sim, a partir desta margem ou desta derivação comum, todos os expatriamentos permanecem singulares.”⁸

Não há apropriação possível de uma língua. Não se pode habitá-la, tomar como uma espécie de propriedade, um objeto de pertença. No entanto, a língua marca um encontro inexaurível, o encontro com o ex-apropriável, com a singularidade, encontro esse que não pede uma condição, sequer um espaço de abertura à alteridade. Encontro que nada mais faz do que apenas intimar, uma exigência e expressão indelével, instante único e ininterrupto de um *estar diante de*, do outro, ser inundado em um acontecimento por uma língua, desde já fundada sobre a diferença ex-apropriadora.

Tal como uma prótese de origem, uma vez que a apropriação tende a percorrer e deter a coisa-mesma enquanto tal, o monolinguismo não se instaura como implantação originária recorrente ao suprimento daquilo que falta, e logo, tenta-se se apropriar. Pois se há a língua, mais do que isso, tê-la como aquilo que mais se ama ou odeia, o desejo em uma única língua que alguém poderia estar fadado a falar, essa língua não é, é dada tal como algo ou alguém à espera da hospitalidade do hóspede “antes mesmo de qualquer convite.”⁹

Essas argumentações sobre o tom autobiográfico em *O monolinguismo do outro* reafirmam em Derrida a condição da língua francesa para um argelino, a esfera monolíngue de um magrebino situado em uma espécie de “ipsiedade” de tudo, inesgotável. Uma hiper-radicalidade de um solipsismo: “Ora jamais esta língua, a única que assim estou votado a falar, enquanto falar me for possível, e em vida e na morte, jamais esta língua única, estás a ver, virá a ser minha. Nunca na verdade a foi”¹⁰. No entanto, aprende-se a língua de coração, ama-se a língua de suas preces e orações, uma língua que não pode ser sua. *Essas pressuposições sobre a língua também são pressuposições sobre o poema*. Responde-se pelo poema em uma lei do não-pertencimento, uma vez que sua lei é desaparecer-se ao se ver ditada.¹¹ E tal como o ouriço, dirá Derrida, dirigindo-se a algum lugar, “perdido no anonimato”, um animal que se lança feito bola em uma estrada, único e solitário, a rolar consigo mesmo, percorre seu próprio acontecimento, sua vez, uma única vez, e de uma vez por todas, desamparado de seus próprios conhecimentos. Esse des-en-rolar poético em formas de ouriço pode ser visto melhor quando Derrida fala de uma vulnerabilidade ao acontecimento – acidente de percurso – e sua exposição radical ao *chegante*, a alteridade

⁸ Ibidem, p. 90.

⁹ Ibidem, p. 99.

¹⁰ Ibidem, p. 14.

¹¹ O responder sobre o poema, em verdade, o que de fato seria a poesia é o questionamento feito a Derrida em *Che cos'è la poesia?*



ela mesma na vinda de todo e qualquer outro. Atravessando uma estrada, *avançando em defesa*, retraído e protegido em seu mais alto instinto, no entanto, exposto a não-orientação de seus movimentos ante a possibilidade de morte. A poesia abrange um arriscar-se, expor-se ao perigo da língua do outro, a travessia de uma estrada *intraduzível*, uma espécie de delírio. Para elucidarmos esse movimento elíptico, citemos então uma passagem de *Che cos'è la poesia?*:

Para responder em duas palavras, eclipse, por exemplo, ou eleição, coração ou ouriço, terás tido de desamparar a memória, desarmar a cultura, saber esquecer o saber, incendiar a biblioteca das poéticas. A unicidade do poema depende dessa condição. Precisas de celebrar, tens de comemorar a amnésia, a selvageria, até mesmo a burrice do 'de cor': o ouriço. Ele cega-se. Enrolado em bola, eriçado de espinhos, vulnerável e perigoso, calculista e inadaptado (ao pôr-se em bola, sentido o perigo na auto-estrada, ele expõe-se ao acidente). Não há poema sem acidente, não há poema que não se abra como uma ferida, mas que não abra ferida também. (...) O poema chega-me, benção, vinda do outro.¹²

Não é por menos que a poesia de Paul Celan para Derrida será marcada pela questão do acontecimento, da língua do outro, do *chegante*. Para Celan, poema se afirma "à beira de si mesmo", limítrofe entre sua afirmação e o desejo incessante de um chamar o outro, alcançá-lo em sua extremidade, a quem deve dedicar-se. Se para Adorno, é impossível escrever poesia depois de um acontecimento como o holocausto em Auschwitz, Celan se opõe a essa argumentação, e mesmo tendo experienciado o que o escritor Imré Kertész chamou de "as trevas das milhares de falas que traziam a morte"¹³, o poeta romeno escreve poesia em alemão, uma língua que não é a sua. A poesia de Celan não passa despercebida por uma língua exaurida pela *Shoah*. A língua é marcada por esse outro que é também o poema, traço do acontecimento indelével e in-comunicável, porém "cruzador de trópicos" na beira de um caminho impossível, a poesia conforme o poeta romeno lembra no final de *O Meridiano*: "encontro a ligação, e como o poema, o que leva ao encontro. Encontro algo – como a linguagem – imaterial, mas terreno, terrestre, algo circular, que volta a si mesmo sobre os dois pólos até – alegremente – cruzar os trópicos – encontro... um Meridiano."¹⁴

O encontro em (um) *Meridiano* é posto em uma data, o acontecimento datável, lembra-nos Derrida, na necessidade de dizer mesmo que apenas uma vez, mas de uma vez por todas. Em *Shibboleth pour Paul Celan*, o filósofo franco-argelino atravessa as

¹² DERRIDA, J. "Che cos'è la poesia ?" In.: *Points de suspension*. Coimbra: Angelus Novus Editora, 2003, p. 9.

¹³ KERTÉSZ, I. *A língua exilada*. São Paulo: Companhia das Letras, p.77.

¹⁴ CELAN, P. 1999. Op. cit., p. 183.



fronteiras lingüísticas do que em francês é nomeado como “fois”, onde se é possível dizer, talvez, onde se é preciso dizer, pronunciar o “shibboleth”, o direito de passagem, travessia que dá direito à vida. *Une fois* carrega em si as fronteiras da tradução, a impossibilidade da tradução ela mesma como trama em *Torres de Babel*, a “confusão” necessária dada à heterogeneidade de suas inscrições semânticas, as particularidades do cotidiano e re-criações diárias que habita cada acontecimento, é, para Derrida, uma espécie de *vicissitude* da língua. Ao redor, voltas sem definição possível, sem limites de uma verdade, Derrida falará apenas uma questão de cada vez. Pois “algo ou alguma vez” não pode passar despercebido por uma tradução apressada, não há como equiparar com o inglês, *once time*, que nomeia o tempo diferentemente de *once* e *einmal*. Para Derrida, os idiomas latinos recorrem melhor sobre a questão de volta, o giro, ao redor. Isso é comparável à circuncisão, marca que acontece somente uma única vez, “no tempo, ao mesmo tempo a primeira e última vez”¹⁵.

A circuncisão e da data simultaneamente, a dupla inscrição do acontecimento é o que interessa Derrida em primeiro momento em ao ler *O Meridiano* de Celan. Segundo Celan, “escrevemos nossos destinos, nós todos, a partir de tais datas”, ao esboçar o que veria se repetir, a data de “20 de janeiro”, primeiramente inscrita pelo outro que ele homenageia em *sua* homenagem, Büchner, escritor que nomeia o prêmio e que data o dia “20 de janeiro” no romance onde o personagem notado desde a primeira página da narrativa, Lenz, “saiu pela montanhas”. Essa data, *do outro*, marca o encontro com uma outra data, agora, o *sua* data, o seu “20 de janeiro”, seu que vai ao encontro do outro. Derrida então propõe a seguinte argumentação:

Não tem nenhum sentido, podemos imaginar, dissociar os escritos de Celan acerca da data, os que nomeiam o tema da data e, por outra parte, os planos poéticos da datação. O exemplo de *O meridiano* nos alerta contra um eventual desconhecimento desse tipo. Trata-se, como se diz habitualmente, de um “discurso”: um endereço de circunstância datada. “Sua data é a da entrega de um prêmio.”¹⁶

E nessa data, Celan nos lembra que vai falar da poesia, caminho que não é o mais curto segundo Derrida, uma vez que é um dos caminhos *entre* o outro e eu. Se Lenz saiu pelas montanhas na data de 20 de janeiro, Celan escreveu uma história onde um personagem também sai pelas montanhas a partir de 20 de janeiro. Sendo assim, teria encontrado a si mesmo. Forma-se o ele como o eu, um sintagma singular da ordem de

¹⁵ DERRIDA, J. “Shibboleth: For Paul Celan” In: *Sovereignties in Question: The poetics of Paul Celan*. Fordham University Press: New York, 2005, p. 1.

¹⁶ Idem, p. 4.



um “ele tanto quanto eu”, “um ele como eu”, no entanto, marcados pela individualização de um “diálogo desesperado” através de cada tempo. Cada poema tem seu registro singular. E nesse sentido, todo poema pode ter seu próprio “20 de janeiro” em geral, porém permanecendo insubstituível em sua singularidade. Segundo Derrida, pensar o poema, hoje, nesse dia, nessa data marca a essência do poema hoje, para nós agora. Isso ao quer dizer que pensamos não a essência poética da modernidade ou pós-modernidade, isso não quer dizer algo sobre a essência de uma época ou um período na história da poesia. Mas algo que acontece da ordem de um “hoje”, assim como um, o novamente para a poesia, para poemas, o que acontece neles nessa data.¹⁷

Para tanto, recortemos um pouco essa questão. Talhemos então sobre apenas um trecho, apenas momentaneamente, sobre: “o que acontece”. Algo que excede a data, data apagada, o *effacement* destinado à iterabilidade do traço, a preservação da experiência no datável, o que acontece, unicamente,, uma vez no poema solitário, conforme diz Celan, “solitário e andante”¹⁸. Transfigurada de um indivíduo, mais além da circunscrição do eu, o encontro ele mesmo. O andamento é a abertura para uma trilha no poema, a experiência de seu percurso. Quanto essa trilha no poema, Celan nos dará o seguinte questionamento:

Quando então se pensa em poemas, tomam-se tais caminhos com poemas? Serão esses caminhos somente des-caminhos de ti a ti? Mas ao mesmo tempo são também, em tantos outros caminhos nos quais a língua se torna sonora, são encontros, encontros de uma voz com um Tu perceptível, caminhos de criaturas, esboços de existência talvez, um antecipar-se para si mesmo, à procura de si mesmo... Um espécie de volta à casa¹⁹

O privilégio do encontro acontece pela possibilidade de se levar uma data de um lugar para o outro. Há o acontecimento, sem a qual uma data nunca se forma. Para Derrida, na poética de Celan, o que acontece uma ou mais de uma vez, um dia, uma hora, um mês ou um ano, particularmente, ou quando o há o encontro com o outro é o lugar onde o poema fala, é nesse instante singular e inelutável que o poema está destinado a falar em sua alteridade e em sua solidão.²⁰ O um e o outro na mesma data, mais de uma vez.

¹⁷ Ibidem, p. 6

¹⁸ CELAN, P. Op. cit. p. 178

¹⁹ Idem p. 182.

²⁰ Ibidem, p. 9.



Em outro encontro marcado pela data, agora em *Béliers, Le dialogue ininterrompu: entre deux infinis, le poème*²¹, texto pronunciado em memória de Hans-Georg Gadamer na Universidade de Heidelberg, a poesia de Paul Celan vem marcar um outro acontecimento, um endereçar-se através do poema ao outro, mais precisamente, em testemunho e admiração derridiana a Gadamer. Encontro incessante, diz Derrida ao longo de um diálogo ininterrupto mesmo sabendo que sobre o outro somente podemos ter certeza da morte, a morte do outro, faz parte da relação que permeia duas amizades por exemplo, a morte estará diante de um dos amigos: “um dia”, diz Derrida, “a morte deverá nos separar. Lei inflexível e fatal: de dois amigos, um verá o outro morrer”²². Porém, a certeza de uma separação não cessa o pensamento desde seu selo enigmático, diálogo que continua com o vivente, mantendo “o outro em si mesmo”.²³ Não se cessa a singularidade traçada do sobre-vivente diante do mundo.

Esse ar um tanto melancólico em Derrida ecoa sobre o filósofo ao dizer adeus, luto impossível dessa salvação ou saudação sem retorno, o diálogo de um mundo, mundo mais interior. Interrupção que prossegue depois da morte através do mundo do outro, “le monde après la fin du monde”. Morte como fim do mundo, singularidade insubstituível, acontecimento criptado em uma vez, e de uma vez por todas. O que resta de um vivente responsável em viver sem o mundo do outro.

A partir do último verso de um poema de *Atemwende* de Celan, Derrida retorna a poética celaniana voltada à alteridade como um último suspiro: “*Die Welt ist fort, ich muss dich tragen*”.²⁴ Os caminhos cruzados formam a imprevisibilidade do acontecimento. A errância como acontecimento *do* e *no* mundo.

Derrida começa repetindo a última frase de um poema como uma forma de seguir e interagir fielmente às repetições de Gadamer sobre Celan, justamente por Gadamer insistir nas repetições, como o gesto de cavar interminável em poemas do poeta romeno, por exemplo em *Es war Erde in ihnen* (Havia terra neles) de *Die Niemandrose* (A rosa-de-ninguém) de 1963:

HAVIA TERRA neles, e escavavam.

Escavavam, escavavam, e assim o dita todo, a noite toda. E não louvavam a Deus
que, como ouviram, queria isso tudo,
que, como ouviram, sabia isso tudo.

Escavavam e não ouviram mais nada;

²¹ DERRIDA, J. *Béliers, Le dialogue ininterrompu: entre deux infinis, le poème*, ÉDITIONS GALILÉE, Paris, 2003.

²² Idem, p. 20.

²³ Ibidem, p. 20.

²⁴ Ibidem, p. 30.



Não se tornaram sábios, não inventaram uma canção,
Não imaginaram linguagem alguma.
Escavavam.

Veio um silêncio, veio também uma tormenta,
Vieram os mares todos.
Eu escavo, tu escavas, e o verme também escava,
e quem canta ali diz: eles escavam.
Oh alguém, oh nenhum, oh ninguém, oh tu:
Para onde foi, se não há lugar algum?
Oh, tu escavas e eu cavo, e eu me escavo rumo a ti,
no dedo desperta-nos o anel.²⁵

O mundo já não é mais, escavá-lo parece não levar a lugar nenhum. Os dias que se passaram nos campos de concentração exigiam que não somente se arriscassem a escavar para longe dali, para um lugar, ou mesmo um lugar nenhum, porém distante desse mundo que colocavam pessoas mais próximas dos vermes da terra do que de outros seres humanos. Há o silêncio poético nos campos de concentração, as mãos não riscam mais palavras, escavam as escassas palavras diante da Shoah. A poesia escava outra coisa, para além das trincheiras da morte. É o escavar "rumo a ti", a resistência necessária para continuar o amanhã, como também podemos ver em *Todesfuge* (Fuga sobre a morte) de *Mohn und gedächtnis* (Ópio e Memória) de 1952:

Leite-breu d' aurora nós o bebemos à tarde
nós o bebemos ao meio-dia e de manhã nós o bebemos à noite
bebemos e bebemos
cavamos uma cova grande nos ares
Na casa mora um homem que brinca com as serpentes e escreve
ele escreve para a Alemanha quando escurece teus cabelos de ouro Margarete
ele escreve e aparece em frente à casa e brilham as estrelas ele assobia e chama
seus matins
ele assobia e chegam seus judeus manda cavar uma cova na terra
ordena-nos agora toquem para dançarmos

Leite-breu d' aurora nós te bebemos à noite
nós te bebemos de manhã e ao meio-dia nós te bebemos à tarde
bebemos e bebemos
Na casa mora um homem que brinca com as serpentes e escreve

²⁵ CELAN, P. "HAVIA TERRA neles". IN: CELAN, P. *Cristal*. São Paulo: Iluminuras, 2009, p. 89.



que escreve para a Alemanha quando escurece teus cabelos de ouro Margarete
Teus cabelos de cinza Sulamita cavamos uma cova grande nos ares onde não se
deita ruim

Ele grita cavem mais até o fundo da terra vocês aí vocês ali cantem e toquem
ele pega o ferro na cintura balança-o seus olhos são azuis
cavem mais fundo as pás vocês aí vocês ali continuem tocando para dançarmos

Leite-breu d'aurora nós te bebemos à noite
nós te bebemos ao meio-dia e de manhã nós te bebemos à tardinha
bebemos e bebemos
Na casa mora um homem teus cabelos de ouro Margarete
teus cabelos de cinza Sulamita ele brinca com as serpentes

Ele grita toquem mais doce a morte a morte é uma mestra d'Alemanha
Ele grita toquem mais escuro os violinos depois subam aos ares como fumaça
e terão uma cova grande nas nuvens onde não se deita ruim

Leite-breu d'aurora nós te bebemos à noite
nós te bebemos ao meio-dia a morte é uma mestra d'Alemanha
nós te bebemos à tarde e de manhã bebemos e bebemos
a morte é uma mestra d'Alemanha seu olho é azul
ela te atinge com bala de chumbo te atinge em cheio
na casa mora um homem teus cabelos de ouro Margarete
ele atiga seus mastins contra nós dá-nos uma cova no ar
ele brinca com as serpentes e sonha a morte é uma mestra d'Alemanha

teus cabelos de ouro Margarete
teus cabelos de cinza Sulamita²⁶

Cavar, segundo Derrida, também é o movimento de um impulso para o saber. Uma mão capaz de aproximar e conceder uma outra repetição, como em Gadamer, que é a questão da benção nos poemas de Celan, pois o poema procura a benção de uma mão que abençoa com devoção desesperadora, a cavação fervorosa de um necessitado.²⁷ A benção do poema será para Derrida como um duplo genitivo que propõe na leitura o dom do poema. A mão que abençoa o outro deixa ser abençoada pelo outro. O que se dá a ler, o poema, inverte-se audaciosamente, sendo abençoado em sua cena de leitura,

²⁶ Idem, p. 27.

²⁷ DERRIDA, J. 2003, Op. Cit. p. 32.



pela mão do leitor. ²⁸. É, no entanto, a partir do cavar — com as mesmas mãos que se escreve o poema, que temos na poesia — a composição de um arriscar-se conforme já referido no texto, uma vez que a poesia abrange essa forma de se expor, a mão que cava, foge, escreve também o poema.

Fuga sobre a morte vai encontro da leitura derridiana sobre a poética de Celan justamente por demonstrar os obstáculos *na* poesia, as necessidades que atravessam seus desaterros, seus desassoreamentos.

Ainda sobre Celan, o poeta é a interseção entre Derrida e Gadamer, uma homenagem dentro de uma homenagem, tal como Celan faz em *O Meridiano*, ao abraçar o texto de Georg Buchner como um prêmio fazendo uma releitura minuciosa de obra Buchner no instante em que está sendo premiado por sua própria obra.

E se para o poeta romeno, o poema precisa do outro, é preciso fazer poema ao herdar o mundo do outro, dar sobrevida a uma língua do outro, marcar a perda do mundo, mas também o carregar, o pensar e o pesar de um mundo fragmentado. Até mesmo a palavra é levada ao outro como tema poético, ao passo em que, dentro de um poema solitário, forma um encontro com o outro, como em *Prisão da Palavra*:

Olho redondo entre as barras.

Pálpebra de animal cintilante
rema para cima,
libera um olhar.

Íris, nadadora, sem sonhos e triste:
o céu, cinza-coração, deve estar próximo.

Inclinada, no bico de ferro,
a limalha fumegante.
No sentido da luz
adivinhas a alma.

(Se eu fosse como tu. Se fosses como eu.
Não estaríamos
sob *um mesmo* alísio?
Somos estranhos.)

Os ladrilhos. Por cima,
uma junto à outra, as duas

²⁸ Idem, p.27



poças cinza-coração:
dois
bocados de silêncio.²⁹

Poema como estrutura do diálogo enquanto marcado pela diferença de um e do outro. É preciso reinscrever suas datas, não se calar para a conversação poética capaz de carregar o mundo solitariamente, pronunciando o *shibboleth* nos lugares onde habitam o silêncio humano. Afinal, o *alísio* sopra sobre todos de uma mesma maneira. Mas a experiência da língua vem da singularidade, do corpo a corpo com ela, do dizer e do dito. Mais do que isso, a experiência da língua alemã no poema de Celan é marcada pela inserção dos acontecimentos, do sofrimento de todas as línguas contra-assinando na língua alemã. Poema escrito nessa prisão de palavras, ao mesmo tempo se direcionando à língua alemã. Segundo Derrida, Celan toca a língua alemã modificando-a, e mesmo deixando claro que não é possível pertencê-la, ainda assim atravessar o ir e vir nela mesma, uma língua de chegada e de partida dentro do idioma alemão, registrando na língua que ele assina de mais singular, sua marca, sua cicatriz, dedicando em cada poema a sorte de um novo idioma, ali onde "a experiência de vida e morte se exerce".³⁰

Sobretudo como expõe Celan em *Einmal* (UMA VEZ) o dizer e o re-dizer o mundo, a poesia mais uma vez, e de uma vez por todas, a porta aberta para um *adeus*, uma salvação ou saudação sem retorno, inscrita *outra vez*.³¹

UMA VEZ
Ouvi-o,
e ele lavava o mundo,
invisível, noite-adentro,
real.

Um e Infindo,
destruído,
eu-truído.

Luz havia. Salvação.³²

²⁹ CELAN, P. 1999. Op. cit., p.

³⁰DERRIDA, J. "La lengua no pertenece" Entrevista con Évelyne Grossman Esta entrevista fue publicada en la edición que el mensuario **Europe** consagró a Paul Celan (año 79, nº 861-862/enero-febrero 2001). Traducción de Ricardo Ibarlucía publicada en **Diario de Poesía** (nº 58, primavera 2001). Edición digital de **Derrida en castellano**.

³¹ Sobre isso, ver DERRIDA, J. *Adeus a Emmanuel Lévinas*. São Paulo Perpectiva.

³² CELAN, P. 1999. Op. cit., p. 119.



Eu-fragmentado, destruído é a impossibilidade de afirmar os limites do poema. Celan reafirma experiências, repetição sem interlúdio, é o entre a vida e a morte que tece o poema. A espectralidade do poema enquanto sobrevida poética, interregno aporético entre a vida e a morte no holocausto. Mais uma vez, e sobretudo, acontecimento de uma vez por todas, a esperança trazida pela luz não apaga a escuridão enxertada nesse “um e infindo” ali exposto. Einmal *também se repete*, mais precisamente como poema em Lichtzwang (Pressão de Luz) de 1970:

UMA VEZ, a morte era corrente,
tu te escondeste em mim.³³

Morte enquanto esconderijo do outro em vida, a espectralidade do que não está nem vivo, vem morto ecoa ao invés de se esconder, e tal como a aparição do pai de Hamlet, diz, ordena, mais de uma vez. É a hospitalidade do poema, capaz de interromper um saber absoluto pois, mais uma vez retornando a Derrida, “Sem sujeito,: há talvez poema, e talvez ele se deixe, mas nunca o escrevo. Um poema, nunca o assino. O outro assina. O eu apenas existe em função da vinda desse desejo: aprender de cor”³⁴

O *shibboleth*, sinal convencionado de identificação, senha ou contra-senha articulada de maneira diferente conforme a marca da língua, língua do outro, é o que nos chega. Ter nesse *chegante* a mão de sua benção, sua leitura, é o que nos leva a dizer e re-dizer o *schibboleth*, a marca de um acontecimento do mundo, no mundo que temos que carregá-lo e suportá-lo, mais de uma vez, mesmo esse mundo *não sendo mais*.

Referências bibliográficas

BERNARDO, F. “Singbarer Rest”: ou o que do resto aflora no poema – *como* o próprio poema: Celan – Derrida. *Revista Filosófica de Coimbra* — n.o 38 (2010).

CELAN, P. *Cristal*, São Paulo. Editora Iluminuras, 1999.

DERRIDA, J. *Béliers, Le dialogue ininterrompu: entre deux infinis, le poème*, ÉDITIONS GALILÉE, Paris, 2003.

³³ Idem, p. 137.

³⁴ DERRIDA, J. 2003, Op. cit. p. 10.



_____. "Che cos'è la poesia ?" In.: *Points de suspension*. Coimbra: Angelus Novus Editora, 2003.

_____. *O monolinguismo do outro*. Campo das Letras, Porto, 2001.

_____ "Shibboleth: For Paul Celan" In: *Sovereignties in Question: The poetics of Paul Celan*. Fordham University Press: New York, 2005.

Outras referências

DERRIDA, J. "La lengua no pertenece"
Entrevista con Évelyne Grossman Esta entrevista fue publicada en la edición que el mensuario **Europe** consagró a Paul Celan (año 79, nº 861-862/enero-febrero 2001). Traducción de Ricardo Ibarlucía publicada en **Diario de Poesía** (nº 58, primavera 2001). Edición digital de **Derrida en castellano**.

